

## **A Questão do Duplo na Psicanálise e na Literatura – Intertextualidade: Diálogos Possíveis<sup>1</sup>**

Paula Beatriz Gallerani Cuter Rochel<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho procura abordar a questão do Duplo na Psicanálise e na Literatura, fazendo um diálogo entre vários textos que, de alguma forma, abordam esse tema.

A questão do duplo foi estudada por Freud, em seu trabalho intitulado *O Estranho*, e está presente em poemas, poesias, textos, aonde em todas estas narrativas fica implícito que o ser humano é um ser multifacetado, habitando dentro de si vários “eus” que se interligam o tempo todo. É um diálogo entre textos, constituindo o que Júlia Kristeva chamou de Intertextualidade, apoiada nas ideias de Bakhtin sobre a Relação Dialógica entre textos.

### **ABSTRACT**

This paper seeks to approach the question of the Double in Psychoanalysis and Literature, making a dialogue between several texts that somehow approach this issue.

The question of the Double was studied by Freud in his work entitled *The Uncanny* and it is present in poems, texts, where in all these narratives is implied that the human being is a multifaceted, dwelling within themselves many “selves” that are interconnected all the time. It is a dialogue between texts, constituting what Julia Kristeva called *Intertextuality*, supported on the ideas of Bakhtin on the *Dialogic Relationship* between texts.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Duplo; Intertextualidade; Psicanálise; Literatura.

### **KEYWORDS**

Double; Intertextuality; Psychoanalysis; Literature.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa em Teorias da Comunicação, no XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Psicóloga Clínica, com título de especialização pelo GEPPPI (Grupo de Estudos de Psicologia, Psiquiatria e Psicoterapia da Infância). Aluna do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da UNISO (Universidade de Sorocaba), sob a orientação do Prof. Dr. Paulo B. C. Schettino. Email: [paulabgcr@gmail.com](mailto:paulabgcr@gmail.com)

### *Não Sei Quantas Almas Tenho*

Fernando Pessoa<sup>3</sup>

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem acabei.  
De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.

Quem vê, é só o que vê,  
Quem sente, não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem;  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue, não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: “Fui eu?”.  
Deus sabe, porque o escreveu.

## **INTRODUÇÃO**

Quando se fala de intertextualidade refere-se a um texto originário e de releituras desse texto. Fazer uma releitura é criar algo novo mantendo um elo com aquilo que serviu de inspiração, guardando a memória, ainda que inconsciente. Com o intuito de fazer uma intertextualidade com a questão do duplo, vamos buscar na mitologia, Narciso, como fonte de inspiração para as releituras sobre o mesmo tema. Explorado, revisitado, o mito de Narciso contempla a busca de si no outro, e a busca do outro em si. Narciso, ao olhar a sua imagem refletida na água, tem uma visão idealizada daquela imagem. A água serve de espelho, onde o reflexo do eu, sugere uma idealização. Narciso se vê sem poder se tocar,

---

<sup>3</sup> Fernando Pessoa, poeta português.

separado por uma falsa distância, que pode diminuir, mas não transpor, já que se trata de seu duplo.

Fernando Pessoa, poeta português, criou vários heterônimos, “os outros eus” de seu próprio eu. Ao criar os seus heterônimos talvez quisesse, através dessas múltiplas identidades, encontrar o seu verdadeiro eu, ou os “vários eus” que existiam dentro dele. Criá-los foi, também, uma forma de expor a todos os seus desejos mais profundos, desejos que não podiam ser realizados, personalidades na qual gostaria de ter sido e ter vivido a história de suas criações. Parece que ele necessitava de “outros eus” para que sua vida tivesse um significado e pudesse ser vivida. Só que esses “outros eus” eram ele mesmo, fragmentados nesses “outros eus”. Quando pensamos na questão do duplo, um dos nomes que emerge, naturalmente, é Fernando Pessoa.

Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um caráter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho. Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas. Como o panteísta se sente árvore e até a flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço.<sup>4</sup>

Partindo de Narciso, navegando pelas águas de Fernando Pessoa, chegamos a Machado de Assis, que em seu livro *Esau e Jacó* fala sobre a escrita guardar sempre a memória do outro, uma vez que é sempre releitura e recriação.

As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas.<sup>5</sup>

O homem sempre lança mão do que já foi feito em seu processo de produção simbólica. Filmes que retomam filmes, quadros que dialogam com outros, romances que se apropriam de formas musicais, tudo isso são textos em diálogo com outros textos, ou seja, intertextualidade. Júlia Kristeva, em seu livro *Introdução à Semanálise*, assim define o termo intertextualidade,

Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações; todo texto é absorção e transformação de um outro texto.<sup>6</sup>

Júlia Kristeva nomeia a intertextualidade baseada na *relação dialógica* entre os textos, termo cunhado por Bakhtin.

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas), é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Berardinelli, C. *Fernando Pessoa – Alguma Prosa*, pg. 41

<sup>5</sup> Assis, Machado de. *Esau e Jacó*, pg.993.

<sup>6</sup> Kristeva, Júlia. *Introdução à Semanálise*, p.64

<sup>7</sup> Bakhtin, M., p.295

Bakhtin introduz, na citação abaixo, a ideia de que uma mesma história pode surgir em diferentes versões porque, com o passar do tempo, essa história é permanentemente recriada.

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessários apenas na primeira etapa da interpretação (interpretação do significado e não do sentido).<sup>8</sup>

Neste trabalho, a questão do duplo será compreendida à luz de várias narrativas diferentes, de épocas diferentes, e que guardam semelhanças e diálogos possíveis. De certa forma, o elo entre as narrativas é o fato de que a comunicação só tem sentido no contato com o outro. No fundo, todos somos idênticos, na medida em que aquilo que eu comunico ao outro também faz parte do outro. As histórias de cada um são variações sobre os mesmos temas. Assim também entendemos o ser humano que, desde que nasce, tem a necessidade de um interlocutor, em geral a mãe, que decodifica as suas necessidades primeiras e estabelece um diálogo sem palavras, mas carregado de significados. O nascimento da vida psíquica do bebê começa na relação que é estabelecida com a mãe. Não existe um bebê. Existe um bebê em relação com a sua mãe. O ser humano não pode prescindir do olhar do outro, do contato com o outro, para se sentir existindo. É no olhar da mãe que o filho se reconhece. E esta mãe, no contato com o seu bebê, consegue compreender e dar significado, porque está se reencontrando com o seu próprio passado, revisitado como filha e, agora, reencenado no papel de mãe. Traçando um paralelo com os textos, é no olhar do leitor que o texto ganha significado.

Todorov, em seu livro *A Vida Em Comum*, diz que não existe um *eu* sem o *você*, que existe uma necessidade premente no ser humano de ser reconhecido pelo outro, de amar e ser amado. Ele também faz considerações sobre a multiplicidade interna da estrutura de uma pessoa.

Ao descrever o processo de reconhecimento e suas realizações mais ou menos imperfeitas, abstrai uma de suas dimensões que aumenta ainda mais sua complexidade. Durante a interação entre o *eu* e os outros, mais do que uma relação se estabelece ao mesmo tempo: à troca presente juntam-se trocas anteriores, antigas ou recentes, e possíveis trocas futuras – tudo devidamente refletido no psiquismo da pessoa que deseja o reconhecimento. Esses encontros anteriores e posteriores, vividos como no tempo condicional ou como numa frase interrogativa, vêm orquestrar-se e transformar a ação na superfície. Têm como correlato a multiplicidade interna do ser humano: diversas instâncias estão sempre ativas em cada um de nós.<sup>9</sup>

## 1- A ORIGEM DE TUDO

Em geral os mitos são da era da criação. E eles serviram como explicação da origem do mundo, do homem e dos deuses. O homem sempre buscou a sua origem; sempre procurou o sentido da sua existência. Por ser um ser múltiplo e complexo e ainda possuir a capacidade única de dar significado à sua própria existência é que o homem desenvolveu

<sup>8</sup> Bakhtin, M., p.401

<sup>9</sup> Todorov, T. *A Vida Em Comum*, pg.127

muitas teorias sobre a criação do Universo e de si próprio. No contato consigo mesmo e com o outro, o homem começou a perceber a sua essência multifacetada, uma duplicidade de sentimentos e vivências. Ao mesmo tempo agressivo e terno; destrutivo e criativo; gerador de vida e de morte.

No começo era o nada. Então alguém resolveu contar a origem de tudo. Hesíodo, em seu poema *Teogonia*, demonstra que tudo tem uma origem: no princípio era o Caos até se chegar ao mundo organizado. Hesíodo traça uma genealogia sistemática das divindades. Dele provém a ideia de que os seres individuais que constituem o universo do divino estão vinculados por sucessivas procriações. No livro do Gênesis, da Bíblia Judaico-Cristã, está escrito que no princípio era o Verbo, a palavra. O gesto criador é duplo. Deus criou o mundo a partir do nada. Nada havia e Deus criou o céu e a terra. Depois, das trevas, que chamou de noite, fez a luz, que chamou de dia. E então fez o homem e a mulher. São duas leituras sobre a origem do mundo e do homem. Textos que se entrelaçam e dialogam. A partir da origem do mundo e do homem nascem outros textos que ampliam, contam, recontam, criam e recriam. É do caos que surge o cosmo, a ordem, o mundo organizado. O ato da criação é objeto da cosmogonia (criação do mundo). Com o uso da razão, a cosmogonia vai ceder espaço para a cosmologia (ciência que estuda o conhecimento do mundo). Para a Bíblia, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Na concepção de Hesíodo, os homens foram criando os deuses à sua imagem e semelhança.

Stanley Kubrick, em 1968, lança o filme *2001: Uma Odisseia no Espaço* (2001: A Space Odyssey) onde, no prólogo, chamado *Aurora do Homem* (The Dawn of Man), é traçada toda a trajetória da origem do mundo e do homem. O filme inicia com o escuro e depois surge a luz. Em seguida vem a terra. Ao colocar os fósseis, pode-se pensar sobre a teoria evolucionista de Darwin. Com o obelisco nasce o homem, a razão, o ser pensante, a curiosidade. Surge, então, o pensamento. O ser humano começa a se estudar, a questionar a sua origem, indagar porque ele vive, como ele vive; procura entender o homem e o seu entorno. Junto com o conhecimento, nasce um novo ser. O osso que é atirado ao alto pelo macaco, no final do prólogo, representa a primeira máquina que o homem utiliza, mostrando o ato criativo. O prólogo do filme pode ser entendido com uma metáfora da criação do mundo, fazendo um diálogo com o livro do *Gênesis*, da Bíblia Judaico-Cristã, e o poema *Teogonia*, de Hesíodo.

Freud, ao longo de toda a sua trajetória, sempre se valeu da literatura, da arte, da mitologia, da filosofia e da antropologia, como pilares de seu construto teórico. Ele tinha uma ligação íntima com a arqueologia, possuindo uma vasta coleção de estatuetas, evidenciando a sua busca pelas origens. Dentre suas inúmeras estátuas, pretendo destacar uma, em especial: a cabeça de Jano. Com duas cabeças olhando para direções opostas, Jano é o deus romano das entradas, portões e começos. Era o porteiro celestial. Toda porta tem dois lados, representando os términos e os começos, o passado e o futuro. A estátua de Jano era colocada na porta de entrada das casas de tal forma que uma das faces olhava para o interior e a outra, para o exterior. Podemos pensar essa estátua contendo o significado do duplo - fantasia e realidade, mundo interno e mundo externo, consciente e inconsciente. Segundo Noemi Moritz Kon, em seu livro *Freud e Seu Duplo*,

Nesse sentido, podemos afirmar que a obra de Freud, as questões a que ela procurava responder e o lugar em que ele supunha poder encontrar suas respostas, no passado mais remoto, mesmo que mítico, a nosso ver, faziam parte de um interesse e de uma busca mais geral e fundamental de sua época e recendiam, também, a essa questão da procura das mais remotas origens como substrato basilar de sua criação. A procura das origens aponta para a posição ambígua de Freud: de um lado, ancora-se no psíquico, no desejo, mas, de outro, procura terra

firme em um passado factual para poder seguir em sua construção de um novo pensamento.<sup>10</sup>

A metáfora arqueológica freudiana se abre como as duas faces de Jano: de um lado, a fantasia, e, de outro, a realidade.

## 2 – PSICANÁLISE E LITERATURA: DIÁLOGO

Psicanálise e Literatura tangenciam-se no que diz respeito à cultura quando descrevem características íntimas da humanidade. A literatura é um campo fértil para o estudo do comportamento e do psiquismo do homem. Com Edgar Allan Poe (William Wilson), Robert Louis Stevenson (The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde) e E.T.A. Hoffman (O Homem da Areia), começa uma nova era na literatura do século XIX, a chamada “literatura fantástica”, que coloca em questão a separação entre real e imaginário. É o vislumbre da ruptura entre reflexão e fantasia.

Em seu ensaio *O Futuro de Uma Ilusão* Freud abre uma discussão sobre a cultura como um esforço coletivo para dominar a natureza exterior e regular as relações dos homens entre si. Isso significa que todos estão sujeitos a renúncias difíceis e muitas vezes desagradáveis, a adiamentos de desejos e privações do prazer, em razão da sobrevivência geral. A civilização, portanto, exige do homem que administre suas pulsões e o princípio do prazer. Para que se insira na cultura é necessário que ele tenha domínio sobre as suas pulsões, o que acontece através do fenômeno da repressão. Ele deve adiar o *Princípio do Prazer* e se submeter ao *Princípio de Realidade* o que implica renunciar à livre satisfação das pulsões e se submeter às restrições da civilização. A proibição do incesto é que introduz o homem na cultura. É uma proibição própria da civilização humana, e que nos distingue dos outros animais.

Freud começa a construir suas teorias com base na origem de produção de sentido, de ligação, colocando a questão da constituição do Eu a partir da relação com o Outro. A Psicanálise considera o narcisismo como um elemento estrutural do psiquismo, indispensável para a constituição do Eu e sua diferença em relação aos objetos. A criança, ao nascer, não tem a vivência de um corpo totalizado e sua primeira imagem unificada lhe é oferecida pelo adulto que cuida dela, em geral a mãe ou quem ocupa esta função. Neste processo, então, uma imagem é oferecida à criança que a ela se identifica e pode, assim, reconhecer-se, formando o que Freud chama de duplo. A relação com o outro neutraliza para o bebê a experiência originária angustiante de fragmentação. A criação do duplo se deve, num primeiro estágio, a uma função de defesa narcísica contra a morte: negá-la para se assegurar de que o ego não será destruído. Em um segundo estágio a ideia do duplo remete à projeção, ou seja, expelir para fora de si aspectos que considera inadmissíveis ou insuportáveis. É a relação que se estabelece entre o bem e o mal, o consciente e o inconsciente, o prazer e o desprazer, a fantasia e a realidade.

## 3- A ALEGORIA DA CAVERNA, DE PLATÃO, DIALOGANDO COM O INCONSCIENTE DA PSICANÁLISE

<sup>10</sup> Kon, N. M. *Freud e Seu Duplo*, pg. 80.

No capítulo VII do livro *República*, de Platão, Sócrates tenta demonstrar para Glauco, através do mito da caverna, a relação entre imagem, representação da realidade, realidade e conhecimento. A alegoria mostra uma caverna subterrânea, cuja entrada se acha voltada para uma fogueira crepitante. Dentro desta caverna encontram-se pessoas acorrentadas, pela cabeça e pelos pés, de tal modo que não possam mover-se. Conseguem enxergar somente a parede da caverna diretamente à sua frente. A luz que entra na caverna provém de uma imensa fogueira externa. Esta parede é iluminada pela claridade das chamas que nela projetam sombras de pessoas e objetos que estão fora da caverna transportando estátuas e outros objetos. Os prisioneiros da caverna tomam as sombras por realidade atribuindo-lhes nomes, conversando com elas e até mesmo ligando sons fora da caverna com os movimentos que observam na parede. Para esses prisioneiros, é esse universo sombrio que constitui a verdade e a realidade, uma vez que não conhecem nenhuma outra realidade. Ou seja, não podem saber que são sombras nem podem saber que são imagens, nem que existem outros seres humanos do lado de fora da caverna. Se algum desses prisioneiros fosse libertado o que aconteceria? Inicialmente ele ficaria completamente cego, ofuscado pela luz, que na realidade não é de uma fogueira, mas a luz do sol. Existe um mundo externo, que é o mundo da realidade, e o mundo do interior da caverna, que é o mundo da representação da realidade, onde o homem entra em contato com o seu duplo, com sua cópia. O duplo externo x interno, luz x escuridão, realidade x representação da realidade habitam o mesmo homem em diferentes situações. A alegoria da caverna está na fronteira que separa a aparência da essência, a imagem do modelo. Fazendo uma aproximação com o sonho, as pulsões que precisam ficar na escuridão, nas profundezas do psiquismo, no inconsciente, em forma de repressão, só virão à luz se houver um interlocutor – o psicanalista – que possa fazer uma releitura da representação da realidade (sonho) para a realidade (interpretação do sonho). Os desejos reprimidos e as fantasias seriam um equivalente às sombras da alegoria da caverna.

#### 4 - A QUESTÃO DO DUPLO NA PSICANÁLISE

Quando Freud pesquisa o tema da estética ele abarca não a questão do belo como é comum na arte e na literatura, mas o lado obscuro, assustador, aquilo que provoca medo e horror, ao que ele dá o nome de “estranho”. Dentro da estética podemos pensar o duplo que a contém: aquilo que é belo, atraente e sublime e os sentimentos opostos de repulsa e aflição. Como diz Freud: “*O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar*”. (Freud, *O Estranho*, vol. XVII pg. 277).

O duplo é um outro de si mesmo – incógnito como tal e reconhecido pela sensação de estranhamento que ele é capaz de causar. Em seu texto de 1919, *Das Unheimlich*, Freud afirma que o duplo – apesar de nos parecer algo de estrangeiro, estranho a nós mesmos – sempre nos acompanhou desde tempos primordiais do funcionamento psíquico, estando sempre pronto a ressurgir e provocando-nos uma sensação de inquietante estranheza. O duplo parece ser um traço do ser humano em busca de si, no outro.

Quando Freud fala sobre o estranho, ele usa o termo alemão *Das Unheimlich*, que significa aquilo que é estranho, mas secretamente familiar; que foi submetido à repressão e depois voltou.

Uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Freud, S. – *O Estranho*, pg.310.

Já na literatura, em histórias e criações fictícias, segundo Freud, os recursos em criar efeitos estranhos são muito maiores do que na vida real.

O escritor imaginativo tem, entre muitas outras, a liberdade de poder escolher o seu mundo de representação, de modo que este possa coincidir com as realidades que nos são familiares, ou afastar-se delas o quanto quiser. Nós aceitamos as suas regras em qualquer dos casos. Nos contos de fadas, por exemplo, o mundo de realidade é deixado de lado desde o princípio, e o sistema animista de crenças é francamente adotado.<sup>12</sup>

A tessitura literária nasce exatamente do imbricamento entre o provável e o improvável, entre ficção e realidade. A transposição da língua, característica essencial da literatura, é também característica do sujeito da Psicanálise; sujeito constituído na linguagem e pela linguagem, eternamente apartado de sua verdade, de seu desejo, lançado no real da falta.

Dentre tantos autores com os quais Freud estabeleceu uma interlocução (Shakespeare, Goethe, Hoffman, Jensen, etc.), faremos um recorte para pensar o conto *William Wilson*, de Edgar Allan Poe e o livro *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, e suas implicações com o texto freudiano *O Estranho*, enfatizando a questão do duplo.

## 5 - A QUESTÃO DO DUPLO NA LITERATURA

### 5.1 - William Wilson – Edgar Allan Poe

Em seu conto “William Wilson”, Edgar Allan Poe conta-nos a história de um rapaz que encontra, logo no primeiro dia de escola, um colega com o mesmo nome que o seu. Mas as semelhanças não se limitam ao nome. Em tudo eles são iguais: na forma de agir, na forma de andar, na forma de falar e de se vestir, sendo a única diferença palpável a voz deste duplo, que era sempre sussurrada.

No princípio da história, o narrador e seu duplo eram apenas colegas de escola, que se detestavam por serem tão parecidos. Interessantemente, a coisa que mais causava asco e desprezo do narrador pelo seu sócio era a maneira protetora com que ele o tratava. O duplo sempre dava conselhos para o narrador, que os desprezava, mas que admite que, se tivesse os seguido, não teria caído na desgraça que caiu. Após concluir o ensino fundamental, o narrador entra em uma espiral de decadência moral e espiritual, envolvendo-se em orgias, traições e jogos de azar, enredando-se cada vez mais neste mundo sombrio. Porém, certa vez, quando iria tirar todo o dinheiro de um colega de universidade num jogo de cartas, certo estranho, que se vestia da mesma maneira que o narrador, interveio e denunciou o golpe armado por este. Depois disto, o narrador fugiu da Inglaterra para o continente europeu, e toda vez que ia praticar um crime ou atentado à ética, seu sócio aparecia e ficava na iminência de delatá-lo.

É interessante notar que, desde os tempos de escola, o narrador falava sobre sua relação competitiva com seu duplo, e como ele estava sempre na defensiva, temendo ser subjulgado por este, mas nunca falou de forma direta sobre a relação deste outro William

---

<sup>12</sup> Freud, S. – *O Estranho*, pg.310.

Wilson com os outros colegas. Ele apenas diz que ele era o segundo na hierarquia estudantil, atrás apenas do outro Wilson, mas nunca disse se isto era um “consenso” entre todos os estudantes ou se assim ele acreditava que fosse.

Apenas o narrador notava os deboches de seu sócia – a eterna imitação de suas maneiras – e apesar de ser grato por isto, sempre achou curioso como isto poderia acontecer. O narrador também odiava a forma aparentemente “superior” que seu duplo se comportava. Entretanto, no fim da história, quando Wilson consegue assassinar Wilson, e vê no lugar do corpo do rival, por breves instantes, um espelho refletindo sua face ensanguentada, fica claro que nunca existiu outro William Wilson: era ele, e sempre fora ele. Podemos imaginar que este duplo sussurrante fosse uma compensação para a fraqueza do superego do personagem principal, anunciada logo nos primeiros parágrafos. Como forma de proteger-se, fantasiava que era denunciado por outrem quando na verdade ele próprio deveria denunciar-se, provavelmente de maneira inconsciente. No final da história, o narrador consegue assassinar seu implacável perseguidor, que estava sempre dentro de si, mas acaba com isso matando uma importante parte de si mesmo. Paradoxalmente, a partir deste momento é que ele se torna capaz de sentir culpa pelo que fez, pois talvez este seu superego projetado não tenha morrido, mas se internalizado quando de sua “morte” externa.

Pelo título do conto já se estabelecem relações que direcionam a suposições analíticas dentro do texto em relação a esse eu/outro. Não se pode deixar de pensar que o nome do protagonista, escrito em língua inglesa, é sugestivo. WILLIAM = WILL + I + AM (Will, eu sou) e WILSON = WIL + SON (Filho de Will), implicam a sugestão do duplo, do dois e da imitação, elementos recorrentes no texto. Além disso, emerge uma referência familiar hierárquica: o pai corrige as falhas do filho, da mesma forma que faz um filho rebelde que busca se livrar da repreensão de seu pai. O texto é rico ao apontar a fuga desesperada desse eu que é reprimido e corrigido por um sócia. Esse sócia nada mais é do que a sua própria consciência, que o reprime e o condena, pois, segundo Freud, o duplo nos acompanha desde os primórdios da psique humana, ou seja, todos nós temos uma parte de nós mesmos que estranhamos e relutamos a reconhecer. A sua busca por se afastar definitivamente do outro encaminha a narrativa para o final, quando William Wilson perde a referência do outro e ruma para a dissolução de si próprio, mostrando que é só na diferença que a verdadeira identidade pode se instaurar. Na frase final do conto, o encontro final consigo mesmo:

Venceste e eu me rendo. Mas de agora em diante, também estás morto... morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim tu existias... e vê em minha morte, vê por esta imagem, que é a tua, como assassinaste a ti mesmo.<sup>13</sup>

## 5.2 - O Médico e o Monstro – Robert Louis Stevenson

*O Médico e o Monstro* (título original em inglês: *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*) é o nome de um livro de Robert Louis Stevenson, publicado em 1886. A história de Stevenson baseou-se na vida dupla de um morador de Edimburgo, na Escócia, chamado William Brodie: durante o dia ele era um respeitado marceneiro; à noite roubava as casas dos moradores da cidade.

<sup>13</sup> Poe, E. – Histórias Extraordinárias, pg.100

O livro traz uma questão extremamente importante: o bem e o mal que convivem dentro de cada ser humano. Mr. Hyde é libertado do interior do Dr. Jekyll, onde já vivia, embora reprimido. Dr. Jekyll e Mr. Hyde eram a mesma pessoa, o duplo que habita todos nós. Dr. Jekyll, através de pesquisas científicas, conseguiu o extraordinário feito de dissociar as partes que compunha o seu ser. Ao lado do bondoso e pacífico Dr. Jekyll, existia dentro de si um Mr. Hyde com desejos e pensamentos vis, um lado perverso e monstruoso que estava oculto e reprimido e que agora veio à luz.

Foi, portanto, a natureza de minhas aspirações, mais do que qualquer defeito particular, que contribuiu para me fazer assim: com um fosso mais profundo do que tem a maioria dos homens, separando as zonas do bem e do mal que dividem e compõem a dupla natureza humana. [...] Foi pelo lado moral, e em minha própria pessoa, que aprendi a conhecer a profunda e primitiva dualidade do homem. Percebi que, das duas naturezas que se debatiam em minha consciência, mesmo que eu pudesse me identificar com uma ou com outra, isso só era possível porque, radicalmente, eu era dois.<sup>14</sup>

A trama do livro transcorre na cidade londrina, no século XIX, em um momento onde as teorias do inconsciente, desenvolvidas por Freud, estavam tomando forma, o que fez com que a obra, de alguma forma, tenha contribuído para o aprofundamento da teoria psicanalítica.

Como citado no trabalho *O Estranho*, de Freud, existe um sentimento de estranhamento decorrente da confrontação de algo que nos é íntimo, mas que ao mesmo tempo não nos damos conta. Esse “estranho” não é nada novo, mas algo familiar e que há muito existe na mente, embora tenha sido reprimido.

Assim como o bem iluminava o rosto de Jekyll, o mal se expressava ampla e plenamente no semblante do outro. Além disso, o mal – que acredito seja o lado mortal do homem – havia deixado naquele corpo a marca da deformidade e da decadência. No entanto, quando eu olhava para aquela figura feia no espelho, não sentia repugnância, mas um impulso de simpatia. Aquilo também era eu.<sup>15</sup>

O grande intento do Dr. Jekyll foi o de libertar os impulsos agressivos há muito recalçados dentro dele, sem que ele modificasse o seu Eu enquanto Dr. Jekyll. Ainda que houvesse um forte impulso de transgredir as normas e dar vazão apenas ao desejo e ao prazer, existia a parte preservada de seu psiquismo que lhe conferia culpa e um desejo de reparação.

Percebi que tinha que escolher entre os dois. Minhas duas naturezas partilhavam igualmente a mesma memória, mas não as demais faculdades. E havia outra consideração que precisava fazer. Enquanto Jekyll sofreria muito os fogos da abstinência, Hyde não teria sequer consciência do que havia perdido. Por mais estranhas que fossem as circunstâncias, o dilema era velho, um lugar comum para

---

<sup>14</sup> Stevenson, *O Médico e o Monstro*, pg. 79-80.

<sup>15</sup> Stevenson, *O Médico e o Monstro*, pg. 83.

qualquer homem. Aos mesmos argumentos e aos mesmos alarmes se joga, com tentação e temor, qualquer pecador.<sup>16</sup>

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de diferentes narrativas, é possível ir estabelecendo diálogos sobre um mesmo tema, o que se chama intertextualidade. O escritor, antes de tudo, é um leitor. Ao entrar em contato com diversas obras e com as próprias experiências externas e internas da vida, vai abrindo espaço para o ato criativo que, embora revisitado, é original. É pela necessidade de se comunicar que o homem cria a palavra. E é quando você dá um significado seu, próprio, para a palavra, que ela passa a ser sua.

A intertextualidade não é trazer o velho para o novo, mas estabelecer relações, dar novos sentidos, dialogar, reconhecendo o imenso mosaico de nossa escritura.

Com este artigo, pretendeu-se fazer uma intertextualidade entre as questões do duplo na Psicanálise e na Literatura. Revisitou-se, para isso, a alegoria da Caverna de Platão, algumas visões da origem do mundo e do homem e ainda algumas obras literárias que se interessaram consciente ou inconscientemente por essa questão. Um mosaico de ideias que foram fazendo parte da tessitura deste artigo, que se pretendeu original, embora certamente atrelado às experiências e leituras adquiridas.

É no diálogo com seu duplo que aparece o conflito psíquico, onde o ser humano se mostra cindido e dilacerado, se enfrentando a todo instante com o consciente e o inconsciente, a fantasia e a realidade, a vida e a morte.

O duplo sempre nos acompanha e não está fora de nós. É como se, num mergulho interno, descobríssemos, dentro de nós mesmos, um outro eu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assis, M. de *Esau e Jacó*. Obra Completa, Vol.1. Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1962.

Bakhtin, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2011.

Berardinelli, C. *Fernando Pessoa – Alguma Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1990.

Freud, S. *O futuro de Uma Ilusão, O Mal Estar Na Civilização e outros trabalhos*. Vol. XXI – Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.

---

<sup>16</sup> Stevenson, *O Médico e o Monstro*, pg. 90.

Freud, S. *O Estranho*. Vol. XVII – Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (pg. 275 a 315). Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.

Freud, S. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros Textos (1914-1916)* – Obras Completas, vol. 12. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

Kon, N.M. *Freud e Seu Duplo*. São Paulo, Edusp, 1996.

Kristeva, J. *Introdução à Semanálise*. São Paulo, Debates, 1969.

Platão, *A República* – Coleção Os Pensadores. São Paulo, Editora Nova Cultural, 2000.

Poe, E.A. *Histórias Extraordinárias*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 2003.

Saussure, F. de *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

Stevenson, R.L. *O Médico e o Monstro*. São Paulo, Editora FTD, 1989.

Tavares, B. *Freud e o Estranho – Contos Fantásticos do Inconsciente*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2007.

Todorov, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo, Perspectiva, 2010.

Todorov, T. *A Vida Em Comum*. Campinas, Papirus Editora, 1996.